

Afetividade no processo de formação docente: dialogando com Spinoza e Wallon

Antônia Andreia da Silva Santos Moura

Universidade Federal do Piauí, Campus senador Helvídio Nunes de Barros-UFPI, Brasil

Maria da Conceição Rodrigues Martins

Universidade Federal do Piauí, Campus senador Helvídio Nunes de Barros-UFPI, Brasil

RESUMO

O presente trabalho propõe a reflexão sobre a presença da afetividade no processo de formação docente, tomamos como referências centrais os estudos sobre as teorias que trabalham com o conceito de afeto em Spinoza e Wallon. Esse trabalho desenvolveu-se por meio da pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, os sujeitos investigados foram professoras e alunas do Ensino Superior do Curso de Pedagogia da UFPI, Campus situado na cidade de Picos. A partir dos estudos e análises realizadas confirmamos que a formação de professores necessita investir na potencialidade dos afetos, para cada profissional ou futuro profissional da docência é de grande relevância ser positivamente afetado em seus construtos profissionais e pessoais.

Palavras-chave: Afeto. Formação docente. Wallon e Espinoza.

AFFECTIVITY IN THE TEACHER EDUCATION PROCESS: DIALOGUING WITH SPINOZA AND WALLON

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the affectivity presence in the teacher training process. We use as central references the studies of two authors, Spinoza and Wallon, who work with the concept of affection. We developed this work using exploratory research with a qualitative approach and investigated undergraduate Pedagogy teachers and students at the Picos Campus of the UFPI. Based on studies and analyses, we confirm that teacher training must invest in the affections potentiality of each teaching professional or future teaching professional as it is of great importance that they are positively affected in their professional and personal construction

KEYWORDS: Affection. Teacher training. Wallon and Spinoza.

LA AFECTIVIDAD EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DOCENTE: DIÁLOGO CON SPINOZA Y WALLON

RESUMEN

El presente trabajo propone una reflexión sobre la presencia de la afectividad en el proceso de formación docente, tomando como referentes centrales los estudios de dos autores que trabajan con el concepto de afecto, Spinoza y Wallon. Este trabajo se desarrolló a través de una investigación exploratoria, con enfoque cualitativo, los sujetos investigados fueron docentes y estudiantes de la Enseñanza Superior de la Carrera de Pedagogía de la UFPI, Campus ubicado en la ciudad de Picos. A partir de los estudios y análisis realizados, confirmamos que la formación docente necesita invertir en el potencial de los afectos, para cada profesional o futuro profesional de la docencia es de gran importancia verse afectado positivamente en sus construcciones profesionales y personales.

PALABRAS CLAVE: Afecto. Formación de profesores. Valón y Spinoza.

INTRODUÇÃO

Cientes de que a afetividade tem um papel fundamental no processo de formação/desenvolvimento humano e, portanto, formação docente pois o professor atua junto ao humano, pelo humano, com o humano, é que estruturamos a presente pesquisa. Em busca de solidificar essa discussão estabelecemos um diálogo com diferentes teóricos, sendo estes Spinoza (2008) e Wallon (1979), estudiosos fundamentais para trabalharmos no processo de compreensão do conceito de afetividade.

Nosso trabalho partiu da seguinte problemática, como a afetividade influencia no processo da formação docente? Problemática que resultou em um objetivo central: o papel da afetividade no processo de formação docente. E os objetivos específicos, apresentar o que é afetividade segundo a teoria de Wallon e Spinoza; analisar como o afeto contribui no processo de construção/formação docente; investigar elementos de afetividade na formação e no exercício profissional dos docentes que atuam no ensino superior, especificamente docentes do curso de Pedagogia da UFPI campus de Picos-PI.

Na sistematização da proposta, estruturamos este artigo em três tópicos, no primeiro tópico expomos o “diálogo” entre Wallon e Spinoza, pensadores do campo do afeto que apesar de terem vivido em épocas distintas trazem relevantes contribuições sobre a temática.

No segundo tópico expomos ponderações reflexivas sobre o papel da afetividade no processo de formação docente. Como essa dimensão afetiva influencia nesse processo de formação dos futuros profissionais na área educacional.

No terceiro tópico, mostraremos a nossa trilha metodológica, os caminhos percorridos e os resultados alcançados, pois esse estudo ganhou rigor científico a partir da relação entre teoria e prática.

Nas considerações finais, apresentamos os achados da pesquisa, a partir do que estabelecemos como objetivos de investigação. O que possibilita novas pesquisas, novas buscas investigativas no que diz respeito à afetividade na formação docente e posterior a ela também, as influências dessa relação durante todo processo formativo docente e na atuação profissional.

O AFETO SEGUNDO SPINOZA E WALLON

Baruch de Spinoza, foi um filósofo holandês do século XVII, considerado um dos fascinantes e ousados pensadores da história da filosofia moderna. Henry Wallon foi um psicólogo, filósofo, médico e político francês (1879-1962). Tornou-se conhecido por seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento, tomando a relação de afeto no processo educativo como um dos pontos centrais de sua teoria.

O primeiro, Baruch de Spinoza, nasceu no dia 24 de novembro de 1632 em uma comunidade judaica portuguesa de Amsterdã, na Holanda, no seio de uma família de comerciantes prósperos (DELEUZE, 2002). Spinoza começou seus estudos de filosofia, latim e grego, realizou estudos sobre Descartes, Platão, Aristóteles, Epicuro, Cícero, Sêneca, os filósofos medievais entre outros, fez importantes contribuições no campo da filosofia, política e teologia. Escreveu as seguintes obras: Tratado Teológico Político, Tratado Político e, claro, a Ética, possivelmente sua principal obra. O pensador da virtude e da potência, dos afetos e da alegria, Deus/Natureza e da Razão. Ele é responsável por um conjunto de ideias que são as mais radicais e heterodoxas do período e até hoje é fonte fundamental da reflexão sobre a modernidade, entre as contribuições filosóficas, está teoria dos afetos, perspectiva relevante no desenvolvimento do presente trabalho.

De acordo com o pensamento do filósofo Spinoza *apud* Gleizer (2005), o afeto é a nossa capacidade de existir, está ligada muito mais ao verbo afetar, aquilo que me afeta, que mexe comigo e me move, o afeto é aquilo que move a minha alma seja de uma forma positiva ou negativa. Os afetos são inapreensíveis, ou seja, não podem ser tocados, apenas sentidos, quando há uma manifestação de afeto e ambas as partes são afetadas. Em Spinoza *apud* Gleizer, (2005, p. 62) verificamos:

Cada um, com efeito, governa tudo segundo seu próprio afeto, e, além disso, aqueles que são dominados por afetos contrários não sabem o que querem; finalmente, aqueles que não têm afetos são impelidos de um lado e de outro pelo mais leve motivo.

Podemos perceber a partir do pensamento de Espinoza, que não temos controle quanto à forma que seremos afetados, tampouco determinar como seremos afetados em uma devida situação, seja ela positiva ou negativa, assim como as emoções, os afetos também estão fora do nosso poder de controle, os afetos simplesmente se manifestam em nós de várias maneiras, à medida que nos sentimos afetados de alguma forma por algo que nos aconteceu. Os homens se julgam livres apenas porque são conscientes de suas ações e ignorantes das causas pelas quais são determinados (GLEIZER, 2005). A filosofia de Spinoza ajuda-nos a compreender a educação como processo racional, mas, sobretudo afetivo.

Em Spinoza há também a definição que distingue os afetos ativos dos passivos, indicando com isso que a vida afetiva não se esgota na vida passional, ou seja, que age movido pela paixão. Como os afetos são produzidos através das afecções do corpo, podemos ser causa inadequada ou adequada deles (FERREIRA, 2009).

Os afetos ativos, chamados também de ações, estão sempre em busca da alegria, o corpo é uma potência que busca ampliar-se e tornar-se alegre, por isso que para Spinoza não há pulsação de morte, ele não acredita que portamos qualquer estímulo, voraz em nosso ser, pelo contrário, somos o que chamamos de otimismo, um desejo que se reconhece totalmente a favor da vida. Quando essa potência diminui por fatores externos também chegamos ao afeto da tristeza.(FERREIRA, 2009).

Os afetos passivos acontecem quando não somos a causa de nossos afetos, ou apenas causa parcial, uma parte mínima, quando o mundo está se impondo sobre os nossos corpos

de uma maneira em que não somos o protagonista do que está acontecendo e que nos leva a tristeza ou a alegria, como, por exemplo, levar um corte no dedo ou ganhar um bom presente.

O segundo teórico, Henri Wallon, nasceu em Paris, em 1879, numa família da grande burguesia do norte da França, numa atmosfera republicana e democrática. Já adulto Wallon decidiu iniciar seus estudos em medicina, para se dirigir posteriormente, a exemplo de seu contemporâneo Georges Dumas, para a psicologia, optando pela psiquiatria, mas especialmente a psiquiatria infantil nos diferentes serviços hospitalares, com um interesse marcado pelas anomalias motoras e mentais da criança, sobre as quais se dedica de 1908 a 1914, com numerosas observações (ALFANDÉRY; JUNQUEIRA, 2010).

Wallon fez importantes contribuições no campo da psicologia e da educação, estudou o desenvolvimento da criança e os contextos educativos escolares, visto que o ambiente escolar tem características próprias. Une pessoas em torno de um objetivo comum: a instrução (ALFANDÉRY; JUNQUEIRA, 2010). Em suas obras trata de três campos funcionais, motor, afetivo e cognitivo de forma indissociável. Para ele, seria impossível separar, já que o desenvolvimento de um causa impactos nos demais. Sendo assim, de acordo com sua teoria, o processo de desenvolvimento decorre de esforços da criança para superar conflitos e crises decorrentes, tanto de sua origem em diferentes fontes de conhecimento, como de suas condições pessoais e sociais (ALFANDÉRY; JUNQUEIRA, 2010).

Dentre suas obras, aqui citamos: A evolução psicológica da criança (1941); Do ato ao pensamento (1942); As origens do pensamento na criança (1945). Ele também contribuiu para o entendimento das relações entre educando e educador, além de situar a escola como um meio fundamental no desenvolvimento desses sujeitos.

A perspectiva de Henri Wallon considera que a afetividade que se manifesta na relação adulto-criança constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. E ainda se evidencia que toda aprendizagem está impregnada de afetividade. Assim, se a escola é um espaço onde os sentimentos estão presentes, o professor acaba por ter um papel essencial no desenvolvimento de uma prática que valorize a interação indissociável entre cognição e afetividade, visto que, “a partir da convicção de que educar é desenvolver a inteligência conjuntamente com a emoção, a escola não pode ignorar a vida afetiva de seus alunos” (RODRIGUES, GARMS, 2007, p. 35).

Para Wallon, a afetividade é vista de forma abrangente, como um conjunto funcional que surge do natural e adquire uma forma social na relação com o outro e que é uma dimensão fundante na formação completa do indivíduo. A afetividade relaciona-se à capacidade e disposição de sermos afetados pelo mundo de maneira externa e interna por emoções agregados a nuances positivas ou negativas (MAHONEY, 2005).

Apoiada na teoria walloniana, Mahoney e Almeida, (2007, p. 17) afirmam que “a afetividade se refere à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. A teoria walloniana aponta três momentos marcantes na evolução da afetividade, sendo eles a emoção, sentimento e paixão. A emoção ocupa um lugar de destaque nas concepções de Wallon, pois para ele a emoção tem papel central na evolução da consciência de si, sendo um fenômeno natural, psíquico e social.

Para este autor, no campo educativo formal, a afetividade deve ser colocada em destaque, pois é através da emoção que o aluno faz a comunicação e o intercâmbio com outros indivíduos, ela possibilita o seu desenvolvimento pleno e tende a formar sujeitos mais ativos, participativos, criativos, pensantes e independentes.

Ao estudar esses dois autores, conhecer um pouco mais sobre suas obras, é possível identificar algumas semelhanças em suas teorias, sobretudo no que diz respeito ao tema afetividade. Mesmo com a diferença de tempo e espaço entre o que eles defendem teoricamente.

O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOCENTE

A mediação pedagógica também é de natureza afetiva e, dependendo da forma como é desenvolvida, produz impactos afetivos, positivos ou negativos, Spinoza (2008) defende que o afeto pode ser algo bom como algo ruim, pode potencializar como refrear, na relação que se estabelece entre os alunos e os diversos conteúdos escolares desenvolvidos. Tais impactos são caracterizados por movimentos afetivos de aproximação ou de afastamento entre o sujeito/aluno e os objetos que integram as relações escolares (LEITE, 2012).

A afetividade nesse sentido deve ser encarada como um meio que pode aproximar ou afastar nosso aluno. “É mediante o estabelecimento de vínculos afetivos positivos que

ocorre o processo ensino-aprendizagem” (CODO, 1997, p. 4). Para Wallon (1979), nas relações do processo de ensino e aprendizagem, a afetividade se faz presente na mediação sutil que incentiva a empatia, a curiosidade, capaz de fazer o aluno avançar em suas hipóteses no processo de desenvolvimento. Nesse sentido razão e emoção não se dissociam, visto que uma não acontece sem a outra.

Zeichner (1993) ressalta a importância de preparar professores que assumam uma atitude reflexiva em relação ao seu ensino e às condições sociais que o influenciam. A defesa de uma perspectiva dos professores como práticos reflexivos, leva o autor a rejeitar uma visão das abordagens de cima para baixo das reformas educativas, nas quais os professores aplicam passivamente planos desenvolvidos por outros atores sociais, institucionais e/ou políticos (PIMENTA, 1997).

Apoiada no pensamento de Vygotsky, Dantas (2007, p. 42) considera que a formação docente é um:

[...] processo complexo, visto que, o sujeito que aprende, precisa interagir social e historicamente, visando construir suas representações mentais através da construção de conceitos possibilitando aquisição de sentidos e, ao mesmo tempo, a aproximação dos significados/conceitos científicos adquiridos por meio de aprendizagens formais.

Nessa esteira, a dimensão afetiva precisa ser uma dimensão refletida, assumida pelo processo formativo docente, buscando superar a dicotomia entre pessoa-profissional, através do exercício dialético entre esses processos de similaridade dialogicidade. Diante da subjetividade inerente a cada ser humano, pode-se perceber que cada um, apesar da homogeneização mecanicista que a formação sistematizada, por vezes, nos impõe, sabemos que cada pessoas tem seu estilo próprio de ser professor (SABINO, 2012).

Sobre essa questão, Freire (1996) indica que esmerar a afetividade como dimensão que humaniza pode proporcionar ricas contribuições ao processo de profissionalização dos docentes. Onde há relações humanas, há relações afetivas e que essas relações são afetivas porque pessoas afetam e são afetadas, pode-se concluir que o processo educacional é um processo de afecções e interações. Não sendo possível pensar a educação desvinculada da afetividade (SABINO, 2012).

O afeto influencia as relações e os processos de aprendizagem, requerendo visões inclusivas e capazes de resgatar a dimensão de cuidado necessária ao processo educativo

(FERREIRA, 2010). Afetividade contribui de várias maneiras na formação do aluno, inclusive fazendo com que o mesmo se sinta mais seguro e capaz com relação a sua construção profissional no campo da docência, por meio do incentivo, cuidado e acompanhamento necessário durante todo processo de formação. O afeto pode ser praticado de muitas formas, na maioria das vezes não é preciso usar muitas palavras, bastam algumas atitudes e gestos afetuosos para que a formação tenha um novo sentido.

As situações de dor, perdas, sofrimentos, mortes, lutos e a violência vivida pelos alunos e outros acontecimentos requerem do educador uma compreensão abrangente e integrativa do desenvolvimento, na qual as diversas faces do aluno, enquanto pessoa, possam ser contempladas, e não apenas uma visão unilateral que privilegia uma dimensão ou conjunto funcional (FERREIRA, 2010). Freire (1992) sentencia que, o que trazemos conosco ao longo da vida, seja ela positiva ou negativa e as influências que essas experiências acarretam na vida de cada indivíduo, frisando a importância do afeto diante de todas essas realidades.

O processo educativo permanece “cercado pela pedagogia do método e das técnicas de ensino como forma de assegurar a apropriação, pelo sujeito epistêmico, dos conteúdos culturais reproduzidos pela escola” (LIMA, 2003, p. 27). Ignorar a afetividade durante a formação docente, levando em consideração apenas as técnicas e métodos educativos, é ignorar o aluno como um ser humano, que traz consigo para a sala de aula todas as suas experiências vivenciadas fora dela, e que essas experiências influenciam e tem um poder forte durante toda a sua vida, inclusive no período de formação, o docente precisa ter consciência que quem está diante dele são corações pulsantes, cada um no seu ritmo, sentimentos e anseios.

Para que o sujeito se empenhe em mudar alguns aspectos presentes na sociedade em que vivemos, este mesmo sujeito precisa mudar a si mesmo, trabalhar o seu desenvolvimento como pessoa, algo que envolve agências de/da formação humana, como é o caso da escola e da universidade; defendemos a construção da pessoa como sujeito integrado e ativo no meio em que vive, assumindo suas responsabilidades e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. BASTOS (2014, p. 41), descreve que:

Neste momento da evolução há uma inversão de preponderância funcional, na qual a função da afetividade mostra-se influente do que a da inteligência, direcionando as conquistas para a construção a personalidade e do aprimoramento afetivo do sujeito. Essa transição não é estabelecida sem conflitos, contradições e verdadeiras

crises, que aparecem e reaparecem, modificam-se, reduzem-se e tomam diferentes coloridos emocionais.

A educação, agora mais do que nunca deve se preocupar na formação do sujeito como o todo, ético, moral, afetivo, social etc. visando um ser humano e profissional integrado e qualificado. Se antes tudo isso era exigido pela sociedade, atualmente se faz mais do que necessário, principalmente para que alguns valores não se percam, tais como empatia, sentimento de coletividade, fraternidade e alegria em ser e exercitar nossa humanidade. Pensar a teoria walloniana nos faça pensar na educação básica, na importância da afetividade durante a educação infantil para o desenvolvimento da criança, e de fato, não deixa de ser importante, mas quero defender aqui mais uma vez a importância da afetividade também na formação docente, o quanto ela contribui para educação voltada à integração humana, não é porque estão no ensino superior que deixaram de sentir, sonhar, duvidar etc. (SABINO, 2012).

Acreditamos que para a maioria dos graduandos a educação superior é muito mais desafiadora e amedrontador, cada um carrega consigo sua realidade, medo do futuro, o peso de conciliar trabalho e estudo, as exigências que a própria graduação exige, a solidão que muitas vezes o período do curso exige, para poder conseguir cumprir com todas as disciplinas a tempo, a distância da família que muitos enfrentam, enfim, inúmeras realidades que muitas vezes passam despercebidas pelo professor, sendo muitas vezes inflexível diante de todas essas realidades. Em Spinoza (2009) o medo é uma tristeza isentável, porque não temos certeza se aquilo que amamos vai acontecer por isso o medo; o autor afirma que não há esperança sem medo, ambos caminham juntos, aquilo que eu quero está relacionado ao que amo, e o que tenho medo está relacionado ao que odeio. O autor também afirma que se governam as massas pela esperança e medo, aquilo que as massas amam e aquilo que elas odeiam, logo tem esperança e medo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O problema levantado por essa pesquisa diz respeito às experiências de alunos e professores com a afetividade no processo de formação docente explorando e analisando as contribuições do afeto no processo de formação e desenvolvimento docente e conseqüentemente na sua prática pedagógica. O tipo de pesquisa utilizado para esse procedimento se caracteriza como de cunho exploratório e abordagem qualitativa.

A abordagem qualitativa justifica-se pela análise objetiva, não quantificada, trata dos significados gerados no campo da experiência, motivações, aspirações, crenças, desejos (MINAYO, 2014). Nessa pesquisa o enfoque principal são as experiências dos professores colaboradores, com foco na afetividade no processo de formação docente compartilhada conosco.

Deixar que as professoras e alunas de licenciatura, relatassem suas experiências afetivas no contexto educacional, respectivamente no processo de formação e desenvolvimento docente é nossa forma de aprender por meio de suas experiências e dar mais ênfase a esse tema muitas vezes esquecido ou trabalhado de maneira tímida e silenciosa. Por meio de suas respostas, houve a possibilidade de reflexão sobre a categoria do afeto potente e o quanto ele se faz necessário nas salas de aulas, contribuindo de forma positiva na formação humana e profissional.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para conhecer as respostas das experiências de afetividade das participantes da pesquisa em processo de formação docente foi elaborado um questionário com cinco perguntas subjetivas que foram enviadas via E-mail para cada participante da pesquisa. Os questionários foram elaborados por meio de três tópicos norteadores: O pensamento docente sobre afetividade na docência; afetividade nas questões didáticas e curriculares; afetividade e experiência no processo de formação docente de cada uma.

SUJEITOS DA PESQUISA

Essa investigação ocorreu com as professoras e alunas em processo de formação (10º período) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros na cidade de Picos-PI. Com isso formamos um grupo de três professoras pedagogas, mestres e doutoras em educação, com faixa etária dos trinta aos trinta e sete anos de idade, todas inseridas no processo de formação docente como professoras. Com as alunas participantes da pesquisa formamos um grupo de seis integrantes, com faixa etária entre os vinte aos cinquenta e oito anos de idade todas com experiência em sala de

aula. Como forma de preservar a imagem das integrantes da pesquisa, foi pedido as participantes que escolhessem um codinome a serem citados na pesquisa.

ANÁLISES DOS RESULTADOS

Nessa busca de compreensão, o questionário aplicado junto às três professoras que atuam no ensino superior, indagou-se a respeito do pensamento docente sobre afetividade na docência. Abaixo algumas das principais respostas colhidas junto às professoras:

É uma abertura para os processos de ensino e de aprendizagem, um canal, uma facilitação do diálogo e, mais do que isso, a afetividade transcende a relação professor-aluno mais diretamente e permeia a dimensão humana, que guia todo o trabalho docente... (ANA, 2021).

Para mim, a afetividade é uma prerrogativa fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça em uma sala de aula. Em um grupo de alunos e professores que predomina uma relação de diálogo, respeito e seriedade, que representam a afetividade, os desencadeamentos no ensino aconteçam de modo prazeroso. Tudo flui com emoção e as dificuldades vão sanando de forma coletiva. Quando um aluno se sente acolhido, ele aprende muito mais (JULIANA, 2021).

A ideia é que a presença do afeto na educação contribui para o bom desenvolvimento do aluno, tanto no seu processo de formação profissional e humana. Pois o afeto é indispensável em qualquer lugar ou fase da vida, a todo momento estamos nos relacionando, afetando e deixando-nos ser afetados de várias maneiras pelos outros.

Acerca das percepções das alunas a respeito da afetividade na formação docente, deu-se pela necessidade de ouvir delas sobre a importância da afetividade no processo de formação docente e como é a relação afetiva delas com suas professoras, o que essa relação influencia na vida pessoal e profissional de cada uma. Vejamos dois relatos que selecionamos de duas alunas colaboradoras:

A afetividade influencia de forma direta no desenvolvimento de cada educando, ao passarmos pela vida das pessoas sempre deixamos marcas, sejam elas positivas ou negativas, na área educacional quando temos boas relações com os educadores isso influencia no nosso desempenho e desenvolvimento produzindo uma aprendizagem mais significativa (MARIA, 2021).

É de suma importância, uma vez que ajuda tanto o professor quanto o aluno a se desenvolver de forma gradativa e prazerosa, o afeto faz com que tenhamos

segurança naquilo que estamos realizando, pois dessa forma nos sentimos protegido perante os obstáculos (ESTRELA, 2021).

A partir dos relatos acima expostos, confirma-se que a relação professor/aluno é significativa no processo de ensino-aprendizagem, alunos satisfeitos e bem relacionados com seus professores tendem a se sentir mais seguros, dispostos ao envolvimento com o processo de ensino e aprendizagem. Na trilha desse processo existe a presença do cognitivo e do afetivo, do social e cultural, do saber e do sentir, são múltiplas dimensões, eminentemente humanas, nas palavras de Freire (1996, p. 77) “Me movo como educador, porque primeiro me movo como gente”.

Desse modo, o professor pode levar os educandos a terem a curiosidade de querer fazer e aprender com mais entusiasmo, quando a sala de aula se torna mais acolhedora, respeitosa e amorosa. Se a responsabilidade do professor é contribuir para a formação da personalidade do educando, não há como considerar a função da formação docente apenas como detentora do conhecimento, mas, sim como formadora da construção da afetividade desse futuro profissional. A afetividade é uma ferramenta fundamental no processo educativo, influenciando diretamente no cognitivo do educando e contribuindo para uma aprendizagem de qualidade. Esta auxilia no desenvolvendo intelectual dos educandos, ajudando-os a se reconhecerem como indivíduos autônomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objeto central compreender como o afeto contribui no processo de formação docente. Trazendo as ações positivas dessa afetividade durante o processo de formação docente e posterior a ela também. Nossa pesquisa teve embasamento teórico, principalmente em Spinoza (2008) e Wallon (1979) a respeito da afetividade.

A partir desse esclarecimento que é ratificador, o estudo nos trouxe alguns importantes e significativos achados, quais seja: Que a afetividade, contribui dentre outros para ter um contato mais direto entre professor e aluno. Essa relação de afeto faz com que os alunos se sintam mais à vontade para se posicionarem de forma crítica, levando-os a participarem de forma ativa dos processos de ensino e aprendizagem, de modo colaborativo e autônomo. Para a formação de professores esta dimensão de afeto torna-se essencial no

sentido de afetá-los em seus construtos profissionais e pessoais, um crescimento integral. Que o tão sonhado ensino superior desejado por muitos, carrega o estereótipo, de ser um processo pesado, exigente, cansativo etc. Levando-nos a caminhar apenas pelo lado científico nos esquecendo do lado humano de quem está passando por esse processo, esquecendo que a afetividade também é primordial nesse período. Nos espaços universitários, essa consideração não pode ser deixada de lado no processo de formação docente, ela pode e deve acontecer de forma integrada, formando ambos os lados, profissional e emocional, pois, ambas caminham juntas.

Por fim, dizemos sim a afetividade, dizemos sim ao que pode potencializar positivamente as relações humanas, em espaços formativos como a escola e a universidade, essa potência não pode ficar de fora.

REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, H.G; JUNQUEIRA, Patrícia. Henri Wallon. Recife: Massangana, 2010.

BASTOS, A.B.B.I. **Wallon e Vygotsky: psicologia e educação**. São Paulo: Edição Loyola, 2014.

CODO, W. **Educação, carinho e trabalho**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DANTAS, O. M. A. N. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente**. 2007. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à filosofia de Spinoza**. Le livros, 2009.

FERREIRA, Aurino Lima; Nadja Maria Acioly. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>. Acesso em: 02 de Mai. de 2021. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, S. A. S. **Afetividade nas práticas pedagógicas.** Temas de psicologia, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, dez. 2012.

LIMA, J. F. L. **A reconstrução da tarefa educativa.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

MAHONEY, A Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem.** In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15-24.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação, v. 20, p. 11-30, 2005. ISSN 1414- 6975.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

PIMENTA, Selma G. **Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor.** Nuances- Vol. III- setembro de 1997.

RODRIGUES, S. A. GARMS, G.M.Z.; **Relação professor-aluno e afetividade:** reflexões wallonianas sobre o ambiente de aprendizagem e a prática docente. Série Estudos Periódico do mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande: jan/jun 2007, n.23, p.31-41. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/259>. Acesso em: 16 de Mai de 2021.

SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente:** uma presença silenciosa. São Paulo, Paulinas, 2012.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Editorial Vega, 1979.

ZEICHNER, Kenneth. **Formação reflexiva de professores.** Lisboa: Educa. 1993.

Antônia Andreia da Silva Santos Moura

Graduada do curso de Pedagogia da UFPI

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0020-8413>

E-mail: antoniaandrea92@gmail.com

Maria da Conceição Rodrigues Martins

Doutora em Educação-UFU

Professora da Universidade Federal do Piauí

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7447-6568>

E-mail: prof.con@ufpi.edu.br